



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Casa do Gaiato do Porto  
PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário  
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
Tip. da Casa Nun'Alvares  
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

## Termas do Gerez

Eu andava naquele tempo muito doente, não sabendo de onde me vinham tantos e tamanhos males.

Corri aos médicos e achei que davam suas sentenças conforme suas cabeças, o que mais avolumava o meu mal estar. Um dia, na estação nova de Coimbra, descobri por mim mesmo a razão dos meus sofrimentos. Foi o caso que uma pobre mulher, que me pedira para levar o seu filho e a quem eu dissera que não, aparece no momento enquanto outras embarcavam para Miranda, com uma carta de alguém. A carta era falsa. A mulher mentia. Indignado, vociferei diante de toda a gente. Perdi as estribeiras. Fiquei muito humilhado e disse comigo mesmo:—já sei o que tenho. E' figado!

Entre em casa e fui ver se tinha roupa suficiente. A's vezes sucede que não. Vivo no meio de ladrões, com muita honra.

Fico sempre muito triste quando me vejo roubado por um dos meus; mas êle há sempre qualquer notícia que vem, nestes momentos, neutralisar a minha dor. Há dias, fiquei sem um par de sapatos, e quando saía de *A Vigorosa*, onde fôra comprar outros, dou com uma senhora muito desolada, a pedir preces por um neto que furtara de casa todas as joias—*algumas do meu casamento, meu padre*. De outra maré, andava eu muito aflicto com um *rato* que trazíamos na Comunidade de Coimbra; faltavam pequenas coisas, todos os dias. Por esse tempo, falou comigo o Director de um colégio aristocrático, a lastimar-se que andava por lá um *rato*, tendo já sido notada a falta de um anel de brilhantes e uma nota de cem. *Ele é de casa*, disse.

Estas notícias não nos alegram, —mas são conforto. A gente fica a saber que por lá também há fadas.

Tinha roupa suficiente, sim senhor. A mala que eu tenho para viagens, foi mercada em Ceilão no ano de 1903. Tem visto muitas terras, feito muitas milhas, custado muitas gorjetas e é agora a recoveira do Gerez.

Julgava-me um desconhecido no meio de desconhecidos, mas não foi assim. Dias depois da minha chegada, na sala-de-jantar do hotel

onde me instalei, apròxima-se uma pequenina com um envelope em uma bandeja de prata:—*é para si*.

Era o produto de uma subscrição que os hospedes quizeram fazer a bem da Casa do Gaiato de Miranda; a do Porto, ainda não existia. Paguei as despesas. Mandeí esmolas para outros pobres como eu, e cheguei a casa com muito dinheiro nas algibeiras. No segundo ano, que foi o derradeiro, as coisas correram muito melhor. Recebi esmolas de gente de tôdas as condições, algumas muito valorosas porque muito sacrificadas. E não satisfeitos com isso, realizaram para as Casas do Gaiato, agora também a do Porto, um leilão à americana, onde se colheu uma pancadaria de notas e de moedas; o que tudo bem apurado, deu para as despesas totais e um saldo de sete contos. Este ano corrente, foi de muito melhor estrela; um dia após a minha chegada, aparece o seguinte cartaz em todos os hotéis e pensões da Estancia Termal.

### DIETA «D»

«*Nem só de pão vive o homem*»

O Padre Américo, convida todos os Ex.<sup>mos</sup> Aquistas a completarem o seu tratamento no Gerez com a dieta D para a qual o Ex.<sup>mo</sup> Médico Assistente deu a sua plena aprovação.

A «refeição» será servida no Casino Moderno, às 21 horas. O prato de resistência será o «Gaiato da Rua».

A' noite, caíram no Casino o Carmo e a Trindade. Um cavaleiro fez um leilão de meia duzia de lenços de linho, que foram disputados entre dois hospedes até à quantia de oito contos do Banco de Portugal! Isto aconteceu no dia seguinte ao da minha chegada e em todos os mais, não cessaram as esmolas espontâneas dos hospedes, que escondiam os seus nomes, nem eu lhos perguntava.

Até aqui os factos; agora a lição. E' necessário que os leitores deste pequenino jornal, tirem dela luz e certeza, cansados, como todos andam, de duvidas e de escuridão! O segredo do êxito destas obras humanas, que desconcerta os calculos dos mais pintados, está todo e *sómente* na sinceridade e na justiça com que se realizam.

Nós damos à creança que nos vem ter à porta, o primeiro lugar; melhor, damos-lhe todos os lugares, porque a obra é deles. Os poucos orientadores que trabalham na organização, e temos de os ter estranhos, enquanto os não formamos de casa, estes poucos, digo, compreendem e praticam consoante. Dentro dos recursos da nossa Pobreza, servimos aos Gaiatos os alimentos mais sãos e mais delicados; e o que lhes falta em requinte de luxo, vai em solicitude de amor. Distinguimos o domingo com prato mais saboroso. Festejamos os anos de cada um. Premiamos as acções de mais destaque. Tiramos da nossa despensa e do calor da nossa lareira, as horas mais felizes e mais inolvidáveis destes filhos de ninguém.

O sábado, após a merenda, é consagrado ao banho de limpeza habitual. Para junto dos tanques dos antigos frades e enquanto não temos a piscina da nossa aldeia, seguem os roupeiros com cestos de roupa brunida, das mais infinitas formas e variadas cores. Os pequeninos ajudantes, saltam dentro e lavam por suas próprias mãos os deles que temem a água. São horas clamorosas:—*«ai senhor Padre Américo, que eu vou morrer!* E desta sorte, ao abrir, à noite, as camas lavadas, podemos dizer a cada um, com muita sinceridade: *«olha, vê; se te obrigamos a tomar banho, é que temos uma caminha assim lavada para ti»*. Mais tarde, numa lição em comunidade, explicamos de como eles jamais poderiam cuidar do asseio no seu tugurio; pedimos um bocadinho de desculpa da pequenina exigencia, êles compreendem e ficam a ser amigos. O amor é convincente.

Não temos pedagogos; damos-lhe por mestre a vida. A vida de casa, nas suas mais belas e mais pequeninas tonalidades: varrer, espanar, pôr flores, aviar recados, trabalhos no campo, fazer o caldo, coser o pão, rezar o terço à moda dantes, dar graças,—a Vida de Nazaré! Este modo de viver ocupa, interessa, prende-os necessariamente à vida. Damos-lhes justiça, sinceridades, amor.

## Uma pergunta

Tenho recebido ultimamente várias cartas, tanto de particulares como de organismos do Estado, a oferecer enormes vantagens de ordem material, para eu ir às suas terras estudar e fundar Casas do Gaiato. Estou contente. Começa-se a sentir em Portugal a tragedia pavorosa do pequenino paciente dos caminhos. Mas eu não vou. Não posso ir. Não temos ainda pessoal «nosso»; nascemos ontem. E o nosso sistema não admite «japoneses».

Mas,—uma pergunta. Se êsses Alguem ou êsses organismos querem verdadeiramente fazer bem aos vadiositos, porque não colocam à disposição da Casa do Gaiato os fundos necessários, para mandar construir dentro do plano da nossa «Aldeia», uma Casa expressamente destinada aos Miudos da comarca dos Interessados? Porquanto, se o fim em vista é sinceramente salvar Creanças em perigo moral, que mais tem fazê-lo perto ou longe da porta? Mais. Os pequeninos nomadas justamente porque o são, de qualquer terra fazem a «sua» pátria. Mais ainda. O vadiosito profissional, dificilmente se corrige ao pé de casa. Nós temos lugar para dezoito moradias e eficiência de vida para 250 dêles.

Não congeles êsses dinheiros. Não tires da vida a morte. Salva rapazes na «Aldeia dos Rapazes». Eles tomam conta e dão conta.

Os orientadores compreendem que estão ali por causa dêles; que as vistas e simpatias do mundo, estão postas nos Gaiatos, por causa dos Gaiatos; que todas as esmolas ocoem por seu amor. Os orientadores dão-lhes tudo e *dão-se*.

Ora é precisamente deste *dão-se*, compreendido e realizado dia a dia, que nasce em todos os corações a fome de dar mais.

Aqui, os cheques, os vales, as joias, os dinheiros. Aqui, as despesas cheias, os armarios abarrotados, as lágrimas compadecidas. Aqui, a generosidade dos hospedes do Gerez e de outros, de outras Estancias. Não houve *comissão organizadora*. Não houve apresentações, nem galas. Houve uma voz a relatar, corações a ouvir e uma bandeja de prata com oito contos lá dentro! Procure-se em tudo a justiça, que o mais vem por acréscimo!

## Um incidente

O nosso Durães não é nada pêco. É um dos vendedores de *O Gaiato*. Vende no Bonfim, de onde é natural, e do que lhe sobeja, faz praça no coração da cidade.

De uma vez, estava êle em pleno exercicio das suas funções, no Largo da Trindade, gritando o *compre, meu senhor, que é para ajudar o P.º Américo*, quando alguém que passa, ouve e responde:—os padres são todos uns ladrões. O rapaz olha, mede e exclama:

—Ladrão é você.

—Olha que eu sou policia.

—Mostre cá o seu cartão.

O homem não era policia nem tinha cartão, nem sabia que o Durães fôra general e comandava um grupo de garotos em S. Lázaro, conhecendo pelo nome e pelo cheiro, todos os policias da cidade. Não sabia.

O Durães não desarma e dá atrás do homenzinho, até que êste se enfia numa loja de comes e bebes ali ao pé! Mas nem assim o larga; continua a a gritar: *O' seu policia, ladrão é você*; e foi justamente neste gritar, que um nosso amigo do Pôrto, que me contou depois a façanha, o surpreendeu.

—O' senhor F.; vamos prender aquê gajo, que diz que o P.º Américo é ladrão. Ladrão é êle!

Não prenderam, e tudo acabou a bem.

Ora êste simples incidente, vai ser lição. Quando comecei a *caça* ao garoto das ruas, ouvi da própria bôca dos pequenitos, muitas vezes, o que o homem disse agora ao Durães. Ainda hoje, ao passar em certos becos e vielas de Coimbra, *oiço e sinto* o que me diziam e me faziam—tal a dor que então experimentava! Dez anos de luta operaram a conquista e trouxeram a recompensa. Os garotos da rua hoje são todos meus. Mais; entrando um sacerdote nas nossas casas, todos correm a pedir-lhe a bênção, todos.

*Per aspera ad astra.*

## De como nós festejamos o dia de S. Pedro

Em o dia 28 foi-se ao Porto comprar balões e bichas de rabião. O Ambrósio foi a Jogueiros buscar foguetes de 3 estoiros. O Albano Campos, um devoto amigo dos Gaiatos, que mora um nadinha arredado da nossa casa, mandou uma dúzia de foguetes de lágrimas,—o espanto da noite!

Marcou-se a ceia para mais cedo.

Os cozinheiros lavaram a loiça num ai. Os refeiteiros arrumaram da mesma sorte. Os mais pequenos foram mandados para a cama, tristes, sim, mas não repontões. (Não sei porque leis ou bulas é que as Mães portuguesas levam os ricos meninos a divertimentos nocturnos,—não sei).

A' noitinha estava tóda a malta à bicha, para receber bichas. Daí a nada era um inferno!

A alvorada do dia seguinte, trouxe o *Zé-Pereira*. Ninguém fazia conta. Os Gaiatos cuidavam que tudo tinha acabado com a noitada. Não é de descrever o delírio. A refeição do meio dia foi acompanhada a rufos de caixa e bombo—outro inferno! A's 9 da noite encerrou-se a festa e tudo foi dormir. Este foi um dos dias mais desgraçados da Governante, que não segurou nenhum rapaz na sua obrigação. O que vale é que só para o ano torna a ser.

## Uma carta de um vendedor do "Gaiato"

*Cá recebi a sua carta e nela vi o que me mandava dizer Sr. P.º Américo tenho-le a dizer que no domingo foi o dia em que nós vendemos mais Jornais e fizemos mais dinheiro:*

*Sr. P.º Américo hontém um senhor comprou-me o Jornal e começou a lêr quando vio que o Freitas pedia uma forja quando se derigio ao pé de mim e me disse: vem a dizer no Jornal que prezizam de uma forja toma êste cartão quando quizeres vai buscála há rua de S. João. Sr. P.º Américo uma Senhora entregou-me uma carta fechada para o Sr. P.º Américo e está arrecadada até o Sr. P.º Américo vir para eu cumprir o meu dever para entregar-lha a si: Sr. P.º Américo eu andava a vender Jornais quando o Oscar me veio chamar para eu ir ao Sr. Matos e eu fui aonde êle me disse se eu queria ir comer com êle aonde eu disse que o Sr. P.º Américo não queria que fosse-mos comer a casa de ninguém e êle disse-me não tenhas medo eu falo com o Sr. P.º Américo e êle não te ralha bém eu fui mais o Oscar: êle mandou-nos lá estar daqui por dez minutos nós chegámos cá abaixo para dizer ao Rio Tinto para êle ficar responsável e êle disseme atão também vou comer a casa do Sr. tenente Cruz e eu disse-lhe olha não me importa fáz como quizeres: e fui-me embora o Amadeu e o João foram comer há pensão. e uma senhora também deu ao João 20\$00 para entregar ao Senhor P.º Américo está tudo guardado. A conta dos Jornais foi esta*

João: 186\$35  
Oscar: 163\$40  
Amadeu: 183\$10  
Luciano: 162\$50  
Rio Tinto: 159\$00

854\$35: Gastos 15\$00 para a pensão  
32\$25 para o Combóio  
47\$25

*Aceite um Abraço dêste seu muito amigo*

Antes de ir para o Gerez, chamei os cinco vendedores do jornal e dei as derradeiras instruções, nas quais estava a obrigação imposta ao X, de me comunicar os resultados da venda. Cumpriu, como se vê. O responsável do grupo era, de facto o «Rio Tinto». Tinham êles instruções de não aceitar convites de ninguém, mas, ao que se vê, a carne é fraca, e o Senhor Matos venceu o Luciano sem grande dificuldade. O Rio Tinto, o Responsável, também parece não ter reagido grande coisa, e aproveitou a deixa dos dois companheiros, para ir fazer o mesmo a casa do Senhor Tenente Cruz. O Amadeu e o João cumpriram; foram comer à pensão. Porém, não posso medir a força da sua vontade, por não ter aparecido ninguém a tenta-los. Seja como fôr, afoitamente se pode dizer que jámais se viu em Portugal gente tão baixa fazer coisas tão altas.

O Senhor que quiz oferecer a forja para uso do Freitas, não pode medir a extensão do Bem que fez. Este gracioso rapaz, chefe da Casa de Miranda, precisa de saber e eu quero que êle, o saiba pelo jornal, como o mundo estima o esforço dos que trabalham para serem melhores. O Freitas é um trabalhador. Vai muito devagarinho, sim, mas firme, seguro, cheio de boas resoluções.

\* \* \*

Eu quero explicar: Nas cidades do Pôrto e de Coimbra, vendem «O Gaiato» rapazes avulsos e também os nossos rapazes, com a sua braçadeira. A uns e a outros, peço que dêem sómente o preço do jornal—um escudo. Nas Praias da Figueira, de Espinho, da Foz, de Leça; nas Termas de S. Vicente e de Entre-os-Rios, é possível que apareçam gaiatos *nossos*, de braçadeira. Faço o mesmo pedindo—um escudo sómente. Isto é capital, para me auxiliarem a bem for-

mar a consciência destes rapazes.

Contudo, qualquer dos *nossos* de braçadeira, está preparado para receber cartas, encomendas, assinaturas de *O Gaiato* ou esmolas de qualquer soma, **mas** isto deve ser-lhes entregue com recado especial. O rapaz toma conta e dá conta. Ora vamos. Um jeitinho de cada português de boa vontade vai concorrer eficazmente para fazermos desta massa doente um Portugal são.

Não sei se sabem que nos fugiu há tempos o Adelino Porto com o saco do dinheiro. Mas o Adelino Porto, é um vadio com 15 anos de idade e sómente 3 mezes de vida em nossa casa. A fuga do Adelino, foi repelida ásperamente pelos mais vendedores, e não teve opinião na comunidade. Tôdas as quinzenas, desde Março até à data, saem inúmeros Gaiatos das Casas de Miranda e de Paço-de-Sousa, a vender em Coimbra e no Porto, e o Adelino foi o primeiro caso de deserção. Ora eu acho isto ótimo, se atendermos à nossa; muitos dos vendedores, teem seus nomes nos registos da Polícia!

O risco de ficarmos sem um cento de *Gaiatos*, não pode de maneira nenhuma invalidar o nosso sistema de formar seres autonomos; homens livres e responsáveis. Eles são gloriosamente sinceros. Esta carta do X é um documento. A queda do Rio-Tinto, o Responsável, é deliciosamente humana; tratava-se de almoçar bem:—*atão também eu!*

Entrei de uma vez em um consultório médico. Três rapazes bem parecidos estavam à sacada, a ver coisas.

—Cá para dentro, meninos.

Soube que eram 3 alunos de um colégio fidalgo, que tinham ido ao médico acompanhados do senhor prefeito. Assim se forma a pieguice nacional!

## Notícias Diversas

*À chegada do Gerez, ouvi em primeira mão, na estação de Cete, do Pepe e do Sérgio, que a nossa galinha teve 13 pintainhos. Uma vez em casa ouvi a mesma notícia, berrada por 60 boquitas.*

—Ora ande vêr. Fui. Lá estava ela num cesto de palha, com 13 pintainhos e 60 garotos à volta. Nunca se viu tamanha ninhada!

*Chegaram 3 gaiatos durante a minha ausência.*

—Olhe êste bucha diz o Júlio. O bucha é o Umberto do Leonardo Coimbra.

*O Periquito malhou com o Tripeiro no meio do chão, na rouparia, em uso das funções de roupeiro que ambos teem. Foi tudo por causa de uma blusa do Tiro-liro, que um começou a molhar e passou ao outro para brunir.*

—Passa tu a ferro.

—Não passo.

—Passa.

*O resultado da contenda, sabe-se. A costureira foi impotente para os apartar. O Periquito saiu com um galo e o Tripeiro ficou com um olho negro; mas já se deram um grande abraço e juraram amizade... até à primeira.*

*Os de Paço de Sousa que fizeram exames lindos, vão passar uma semana de férias a Miranda; e os de Miranda—vice-versa. Espera-se que numa e noutra casa, os pequeninos trabalhadores da escola estejam em sua casa.*

*O Alfredo tem medo das nossas vacas, sobretudo de uma delas, que tomou o jeito de esperar à porta do estabulo o gaiato que leva a ração, onde enfia o focinho, e vai detrás do rapaz até à manjedoura, a petiscar. E como tem medo, conduz braçados de erva até à porta e pede a outros? E que lhe dêem de comer. Parece ser isto coisa justa e inofensiva. Não o julgaram assim, porém, os mais velhos, que são os mais finórios e daí vai que há dias, disseram ao Alfredo.*

—Entra, que a vaca já perdeu o costume.

*Fecharam-lhe a porta. Houve gritos desesperados. Alguém foi acudir, e viram a vaca a lamber o pequenino por amor, e êste agritar por medo.*

## ATENÇÃO

Doutor Leonardo Coimbra, do Pôrto, mande cedula e mais documentos interessantes do Umberto. Carlos de Sá, de Coimbra, faça o mesmo do Osvaldo. Nem um nem outro sabem identificar-se.

Senhores e senhoras de Portugal, não mandem vadiositos nem façam pedidos. É impossível atender. Não há espaço para êles,—nem para as cartas que chegam!

Oh infeliz Portugal de amanhã, se hoje não acodes aos infelizes das ruas!

A  
P

Dr.  
drade d  
como po  
Vaz, D  
Antônio  
arquitect  
poldo P  
e deram  
terra D  
com 50\$  
100\$00.  
Maxial  
Mangua  
100\$00.  
Dr. Car  
ambos  
Coimbra  
naldo M  
do Pôrto  
Fundão  
des Lea  
Santos.  
Marques  
ho, Ag  
dão e  
Santare  
10\$00 an  
Providên  
fara 20\$  
mesma t  
Formigo  
Cepada  
Empreg  
20\$00; M  
telo de  
da Silva  
Guedes  
30\$00; M  
Silva de  
Mata O  
Uma ass  
berto F  
Dr. Am  
Beira 25  
de Tábu  
gado 25  
gusto 5  
Cidalina  
25\$00; E  
5: \$00; J  
50\$00.  
Pôrto 5  
25\$00; M  
bra 25\$  
Pôrto 5  
30\$00; D  
50\$00; J  
Pôrto 25  
Francis  
Eng. M  
rido 25  
Pôrto 3  
Moreira  
Zacarias  
Esteril  
de Cas  
mandes  
J. de S  
Antônio  
Dr. Ren  
50\$00; J  
100\$00.  
Silva de  
Uma as  
20\$00; J  
Silva E  
tos, de  
veira e  
10\$00; J  
20\$00; M  
de S. E  
Gomes  
nio Rod  
Cadete  
Ramos  
20\$00, t  
Fonseca  
Ferreira  
Néstor  
Carlos  
Stanley  
Marcelin  
Côrte R  
da Cost  
20\$00;  
Joaquim  
Tábua.  
(Banco  
do Pôrto  
Gavião  
de Con  
Lisboa  
mento,  
Polícia  
Asce  
José Ba  
25\$00; A  
25\$00; F  
Santas

# ASSINATURAS PAGAS

Dr. Joaquim Moreira de Sousa Andrade da Calçada 100\$00 e não 10\$00, como por lapso se disse. José da Cunha Vaz, Dr. Jorge de Andrade Gouveia, António Tavares Horta, João Frota, architecto Alvaro da Fonseca, Eng. Leopoldo Faria Gouveia, todos de Coimbra e deram 25\$00 cada. Também da mesma terra Dr. Alfredo Chaves de Carvalho com 50\$00 e Banco Espírito Santo com 100\$00. Eng. José Jorge Rodrigues de Maxial 50\$00; José Duarte Cabral, de Mangualde 200\$00; Fernando Cabral, idem 100\$00. Dr. Valdemar Pacheco 30\$00 e Dr. Carlos de Castro Henrique, 50\$00, ambos do Pôrto. Rogério Barbosa de Coimbra 20\$00. Fernando Lopes e Arnaldo Manuel Peixoto Vilas Boas, ambos do Pôrto e 20\$00 cada. Rev. Prior do Fundão 30\$00. Dr. João Arrojado Mendes Leal, do Fundão 20\$00; Artur dos Santos Monteiro, António dos Santos Marques, José Maria Afonso de Carvalho, Agostinho Figueira todos do Fundão e deram 20\$00. José de Oliveira Santarém 15\$00. Silvestre Macário 10\$00 ambos do Fundão. Casa da Divina Providência e Maria Auxiliadora de Saffara 20\$00. Joaquim Guerreiro Barbas da mesma terra 20\$00; Maria da Conceição Formigos, de Obidos 30\$00; Manuel Cepeda do Pôrto pagou 2.ª vez 20\$00. Empregados da Secção de Registos 20\$00; Maria Celeste Pimenta, de Castelo de Paiva 25\$00; António Gonçalves da Silva, de Tomar 120\$00. Dr. António Guedes Correia de Campos, de Tomar 30\$00; Maria José Araújo Gonçalves da Silva de Tomar 30\$00; Maria Narcisca Mata Oliveira da Graça de Tomar 25\$00. Uma assinante do Fundão 20\$00. Dr. Alberto Franco Falcão, de Tábua 25\$00. Dr. Amândio Reis Rocha, de Míddes da Beira 25\$00; Dr. Manuel da Costa e Melo de Tábua 25\$00; José Castanheira Morgado 25\$00; António Ribeiro 20\$00; Augusto Simões 30\$00 todos de Tábua; Cidalina Lopes do Couto, de Cucujães 25\$00; Eng. Guilherme Barreira, do Pôrto 5\$00; José Martins Branco, de Amarante 50\$00. Adriano de Oliveira Amen, do Pôrto 50\$00; Um assinante do Coimbra 25\$00; Maria Adelaide Santos, de Coimbra 25\$00; Dr. António Salvador, do Pôrto 50\$00; Eduardo Ramos, da Foz 30\$00; Dr. Rolando Wanzeler, do Pôrto 50\$00; Chloris Tavares Nogueira, do Pôrto 25\$00; José Viana, do Pôrto 30\$00; Francisco Monteiro, do Pôrto 50\$00; Eng. Manuel Andrade e Sousa, de Pedreiro 25\$00; Maria Cristina Faria, do Pôrto 30\$00; Maria Isabel de Carvalho Moreira, de Castelo de Paiva 20\$00; Zacarias Ferreira Amorim, do Casino Estoril 50\$00; Tibério da Silva Garcia do Casino Estoril 50\$00; Porfírio Fernandes de Azevedo, de Espozende 25\$00; J. de Sousa Guedes, da Foz 100\$00; António Melo e Alvim, do Pôrto 50\$00; Dr. Renato Teixeira Cantista, da Régua 50\$00; Gonçalves Ramada, de Fátima 100\$00; Maria Cândida Peixoto Alves da Silva, de S. João da Madeira 20\$00; Uma assinante de S. João da Madeira 20\$00; Fernando Vieira Mendonça, de Silva Escura 25\$00; Celestino dos Santos, de Condeixa 24\$00; Clotilde de Oliveira e Sousa, de S. Braz de Alportel 40\$00; Tiago Neves Gago, de Mealhas 20\$00; Maria do Carmo Lopes da Cruz, de S. Braz de Alportel 25\$00; Natália Gomes Ferreira, do Pôrto 20\$00; António Rodrigues Leite Júnior 40\$00; Alberto Cadete Leite 30\$00; Maria Clara Lima Ramos 20\$00; Antonio Correia Alves 20\$00, todos do Pôrto. Maria de Jesus Fonseca Antunes, de Leiria 20\$00. Luís Ferreira Henriques, de Vizeu 20\$00; Néstor Vidal, de Vizeu 20\$00; Dr. Alberto Carlos Correia da Silva, do Pôrto 50\$00; Stanley Mitchell, da Lousã 100\$00; Rui Marcelino, de Baltar 20\$00; Jo-é Teles Corte Real, de Tábua 20\$00; Francisco da Costa Carvalho 20\$00; Artur Gomes, 20\$00; António Tavares Deniz 20\$00; Joaquim Deniz Simões 20\$00; todos de Tábua. José Leite de Sousa, do Pôrto (Banco E. Santo) 100\$00; Armando Peres, do Pôrto 50\$00; Joaquim Lino Neto, de Gavião (A. Alentejo) 50\$00, Empregados de Contabilidade do C. to Predial de Lisboa 13\$00; Joaquim Augusto Sarmiento, do Pôrto 50\$00; Comando da Polícia S. P. do Pôrto 50\$00.

Coimbra 25\$00; Ernesto de Queirós Ribeiro, da Foz 20\$00; P.º José Moreira, de Freamunda 25\$00; Armando Simões Pereira, Juiz em Golegã 30\$00; Maria Olímpia Carvalho Ferreira, de Bombaral 20\$00; Rosa de Jesus Cascais, de Murtosa 40\$00; João Pereira Bouçon, de Espinho 20\$00; Madalena Rocha Brito, do Pôrto 25\$00; Serafino de Almeida Magalhães, de Fânzeres 20\$00; António de Melo, de Guimarães 300\$00; Maria Isabel Fernandes Botelho de Gusmão, de Ponta Delgada 50\$00; Teresa Barroso, de Baltar 10\$00; Maria Antónia Costa Corte Real, de S. João da Madeira 25\$00; Artur Nicolau da Costa Júnior, 25\$00; da mesma terra, Rui Martins de Sousa Barbosa, do Pôrto 50\$00; Joaquim Martins Barbosa, do Pôrto 25\$00; Glória Vences da Silva, do Rossio ao Sul do Tejo 20\$00; Carlos Pele, do Pôrto 20\$00; Alexandre de Almeida Santos, do Pôrto 50\$00; Alfredo da Silva Neves, Coimbra 50\$00; Aida Azevedo Franca, do Pôrto 20\$00; Maria H. Simões de Moinhos, Vila N. de Poiares 25\$00; Virgínia Matias Serra Campos, de S. Martinho da Cortiça 10\$; Augusto Coimbra Pacheco, Pôrto 50\$00; Júlia da Costa e Sá, de S.º Tirso 100\$; José Amorim Sampaio, Póvoa de Varzim 40\$00; Farmácia Gomes, Termas de S. Vicente 50\$00.

D. Laurinda Amorim de S. Miguel de Paredes, 40\$00; Alexandre Resende do Porto, 50\$00; Dr. José Guardião Lopes de Coimbra, 25\$00; Maria Luísa Alcobaça Araújo de Condeixa-a-Nova 20\$00; António José Nunes Rangel de Aveiro, 50\$00; Octávio Correia de Sousa da Foz, 20\$00; Dr. Eurico Gomes de Almeida de Oliveira de Frades, 50\$00; João Maria Azevedo Lima de Espozende, 25\$00; Silvina de Azevedo de Espozende, 25\$00; Maria Leonor Figueiredo do Vale de Tábua 20\$00; Georgina Esteves de Montemor-o-Velho, 25\$00; Alzira Marçal Nunes Peride Montemor-o-Velho, 25\$00; António é Victor Marques Simões de Lisboa, 20\$; Manuel Martins Borges de Tábua, 30\$; Ernesto Marques da Cruz, 20\$00; Dr. Manuel Martins Moreira, 25\$00; Alberto Baptista da Costa Pinto, 25\$00; Augusto Pais da Costa, 20\$00; todos de Tábua.

Aníbal Correia Pinto de Candosa, 20\$00; António Jorge de Oliveira Júnior de Candosa, 20\$00; Antero Pinto Soares de Albergaria de Tábua, 20\$00; Manuel Rodrigues da Fonseca de Tábua, 20\$00; Alda Barros do Porto, 20\$00.

Continua.

## Do que se diz e do que se faz na Casa do Gaiato de Coimbra

### Conferência de S. Vicente de Paulo

Temos feito as reuniões todos os domingos e ficamos muito contentes quando na última reunião apareceu na saca uma carta do Pôrto com cem escudos. A carta diz assim:

Ao Presidente da Conferência de S. Vicente de Paulo, da Casa do Gaiato. Encantados com a vossa ideia, peço nos inscrevam como subscritores com a

quantia de Esc. 100\$00. Com escudos por ano, importância esta que enviaremos directamente todos os anos no mês de Janeiro.

S. Vicente de Paulo vos abençoe e aos vossos protegidos.

A gente agradece a esses senhores e rezará por todos os que nos ajudam; Deus os recompense.

A's terças-feiras, todos os meninos dão o pão, ao meio dia, e a gente vai levá-lo aos pobresinhos que ficam muito contentes. O snr. Joaquim ceguinho, foi mais o José Maria à feira comprar panos para fazer roupas para os filhos dos nossos protegidos que andam quasi nus.

Agora recebi uma carta de Coimbra que muito me alegrou. Quando a gente tiver mais dinheiro havemos de comprar uma cama para a velhinha das Miãs.

### Um passeio ao Gerez

Convidou-me para dar êste lindo passeio, um certo Senhor, muito amigo dos gaiatos.

Parti de Casa no sábado e fiquei a noite em casa dêsse Senhor. No dia seguinte, partimos para o passeio, logo de manhã. De tudo o que mais contente estava, era saber, que ia ter com o Snr. Padre Américo. Terras que eu desconhecia, onde nunca tinha ido. Viam-se lindas paisagens, desse Minho encantador. Estavamos a chegar a Braga, já lá ao longe, no horizonte, se viam serras. Daí a um tempo, entramos nas serras. Ouviam-se as quedas de água, dos pequenos cursos de água e um dêles era o rio Caldo, e eu disse, já temos o caldo, só o que nos falta, é a colher e a brã. Chegamos e logo de seguida, encontramos o Snr. Padre Américo, que muito contente ficou. Fomos à serra, ver a imensidade do horizonte e outras lindas paisagens da Natureza. Fomos ao lago das frutas, uma das coisas mais engraçadas; davam-lhe carne e depois começavam à bulha. Tivemos no meio alto da serra, a 1600m de altitude. Regressamos e já estavam à minha espera, para ir para Casa. Muito contente fiquei, e muito agradeço, a êsse Senhor o seu incomodo,

JULIO.

Querido João:

Aqui tens vinte escudos para a velhinha que mora nas Miãs.

Gostei da tua carta no «Gaiato» do dia 9 de Julho. Continua a ajudar os pobres, as velhinhas sobretudo.

Muitos cumprimentos de uma pequena francesa, de Coimbra em homenagem à alma de sua avôzinha muito querida.

Softa.

Muito obrigado, minha senhora pelas suas lindas palavras e pela esmola que nos mandou.

O Secretário—João Carlos.

### O Tonito

O Tonito estava no Hospital. Um dia pediu que lhe levasse um carro para brincar. Em casa não havia senão um que o Médico tinha dado ao pequenito Augusto, também adoentado.

—Olha, Augusto: o Tonito está muito doente no Hospital. Dás-lhe o teu carro?

—Dou chim, cenhole!

Passaram-se dois meses. O Augusto, que nunca largava o brinquedo nem de dia nem de noite, nunca mais falou nele. Há dias o carro voltou ao seu antigo dono.

—Augusto olha o teu carro!

—O Tonito já o não quele?

—O Tonito morreu.

—Morreu?

Morreu, sim. Foi para o céu.

—Oh!...

Neste oh! dito com tanto sentimento, queria o Augusto dizer que preferia o Tonito vivo, ao carro mais rico do mundo.

Agora o Augusto, com todos os seus companheiros, juntam mais um nome à oração da noite e da manhã:

Por alma do Marcolino e do Antonito —P. N.

## Gratidão

Contraí tal divida com o Povo de Portugal, que já não posso pagá-la senão somente com trabalho... livre. Mais trabalhos. Muitos trabalhos.

Já tinha imensamente que agradecer o «passe» da Câmara de Coimbra, para andar nos «eléctricos» da dita.

Mais ainda, o favor de viajar na rede geral da C. P. sem dar contas a ninguém.

E hoje, não pago nada à Carris do Pôrto, e todos os carros são meus! Deste cantinho de «O Gaiato» eu beijo as mãos, com fervor, a todos os Bons Senhores que põem os seus olhares sobre mim.

## Do que nós necessitamos

O rádio. O aparelho de telefonia, onde o *home fala*, como dizem com tanta graça os nossos mais pequeninos da Casa de Miranda. Ainda não recebi carta nem mandado! Aqui se reforça o pedido a tinta encarnada e letra maiúscula. Quem me dera que o uso de rádios fosse proibido aos taberneiros. Fiquei tão magoado quando de uma vez passava, e ouvi Liste a tocar dentro de uma taberna, e esta cheia de bebados! Era a famosa rapsódia em ré menor. Não temas a casa do Gaiato nem os seus ouvintes. Aqui não ha profanações. Manda sem temor.

Além da bolada de oito contos, mais esmolas me deram os Bons Hospedes do Gerez. A Empresa Hoteleira, liquidou a minha conta geral. Um senhor de Lisboa, trouxe-me no seu carro até ao Pôrto. O poder da creança dos caminhos! Mais uma carta do Pôrto com 100\$00, mais uma dita de idem com 200\$00, mais uma outra do Rossio ao Sul do Tejo com 100\$00. Diga quem é, para lhe mandar O Gaiato. Mais de um Sacerdote de Alcains 400\$00 para ajudar a compra duma cama. Nós não pomos con-

dições, nem pedimos nada às pessoas que nos pedem lugar, e recebemos vadios sempre que haja vagas; não pedimos, sim, mas *esperamos* que ao menos o leito nos seja oferecido, podendo ser. Mais 100\$00 de um visitante, e mais 50\$00 idem, e mais 20\$00 idem. Mais uma pancada de livros para a sala de leitura dos Gaiatos. Mais 100\$00 de O Comercio do Porto. Mais uma forja com ventoinha n.º 1003. Mais um visitante que nos trouxe 10 litros de azeite do Douro. Esta é a segunda vez que nos trazem azeite, que nós tanto e tanto estimamos. Os Conserveiros do País, a quem há tempos nos dirigimos a pedir uma pequenina remessa de peixe, ainda não responderam. Uma grande merenda de batatas cozidas e sardinhas de conserva, é uma refeição simples, pronta e completa. Mais 100\$00 de Baltar, depositados no Banco Espírito Santo; e mais 285\$00 de vários visitantes, e mais 35\$00 idem, e mais 1 quilo de manteiga e artigos religiosos idem, mais um pacote de roupas de Casal delo—e mais nada.

## O Carlos Alberto vai contar a sua história

Eu antes de vir para a casa do gaiato de Paço de Sousa andava em Lisboa e vadiar. Eu e outros constituíamos a malta de moicanos.

Quando agora no Verão havia touradas eu ia todos os domingos vê-las. Eu para entrar fazia logo a manha, pedia aos homens que iam ver que dissessem que eu era filho deles.

Uma vez quando vinha numa tourada foi prêso por um polícia. De vez em quando eu dava um puxão haver se me escapava, e ele disse-me que estivesse quieto senão dava-me com o cacete.

Eu não queria saber daquilo que ele me dizia. Apanhando-o distraído fugi a tóda a pressa para um carro electrico, que seguia com tóda a força.

Escapando por esta vez nunca mais quis andar atrás dos electricos, porque já estava farto.

Em 1943 o meu irmão disse-me se eu queria ir com ele quando fôsse para a casa do gaiato eu disse que sim. No outro dia lá ia eu todo contente; cheguei a Coimbra estive lá dois dias e depois foi para Paço de Sousa.

Estou agora em Paço de Sousa donde me vem a sair a ser um grande serralheiro mecânico.

Este gaiato é irmão do João Carlos de Miranda, que contou a sua história no número passado. Ambos eram «estrêlas» da rua.

//

## Pão dos Pobres

É um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nele se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o pobre e de como ele se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Vende-se nas livrarias do País.

ESTE NÚMERO DE  
"O GAIATO"  
FOI VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA

As artes e officios, têm seu edificio aparte. Rés-do-chão, artes pesadas. Primeiro andar, leves. Enquanto não há mestres de casa, temos que nos remediar com pessoal assalariado. Este, porém, só dá a parte técnica; a disciplina, é dos rapazes. Casa deles, para eles, por eles. Enfermaria modesta. Capela piedosa. Balneários discretos. Piscina ampla. Campo de jogos na marca.

Temos uma quinta de algumas dezenas de hectares, — a nossa imensa riqueza. Quando a Junta Distrital tomou posse, andava ela nas mãos de rendeiros.

A Junta do Douro Litoral, sucessora daquela, nada alterou; deita-se fora o são e guarda-se o que não presta!

Nós trabalhamos todos os palmos da nossa quinta e olhamos para ela como fonte perene de alegria, de receita, de educação.

Sobretudo, como remédio para a alma dos nossos pequeninos vadios, doentes do cheiro das ruas, pelo bem que faz e pouco que custa a tomar.

O garoto da rua gosta da imensidade; ama o infinito. Deleita-se a berrar e a encontrar o éco. A nossa mata é soberba para o que ele quer. Eles berram de lá para os campos; os do campo respondem para a mata. O trabalho é prazer que jamais experimentaram, cansados de vadiar!

# CARTA DE LISBOA

## A CASA DO ARDINA

Não tenho palavras, «Gaiato» amigo, para te dizer tóda a gratidão que me vai na alma pela maneira gentil e fraterna como recebeste a visita dos nossos dois ardinhas que aí foram há dias em... «embaixada de amizade»!...

Não sei se eles te disseram e mostraram tóda a compreensão e estima que a «Obra do Ardina», tem pela «Obra da Rua».

Como o «ardina» aprecia o «gaiato»...

Como a Maria Luísa tem de aprender com o Padre Américo...

São Obras diferentes, tanto na organização, como na acção e ainda na distância. Mede os ombros de um e outro e logo verás que as dificuldades da «Obra do Ardina» são maiores, se é possível, do que as da tua...

E agora, vê lá, temos que tratar da «Colónia de Férias» dos nossos rapazes!

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa cede-nos o Internato da Parede, com os móveis e roupas necessárias, mas as despesas?...

Onde iremos nós buscar os transportes dos rapazes? Quem nos dará para o pagamento do pessoal e renda de Casa? E para a barraca de banhos?...

E' preciso banheiro que tome conta nêles, pois no ano passado um ia morrendo afogado.

Para a lavagem da roupa e limpeza da casa.

Para carvão, briquetes, lenha. E na alimentação, nem falamos... Se eles comem tanto, que nós até temos que estabelecer «máximo» para evitar... indigestões!...

Temos quem nos dê «Banacao», mas o leite para o acompanhar? 6 litros por dia, Pão, nada menos 18 quilos. Hortaliça e Fruta (as «vitaminas» necessárias) Carne e Peixe. Batatas. Açúcar. Massa. Manteiga, Marmelada, se no-la quiseres dar... Sal. Feijão. Grão. Arroz, deu-nos o «Grémio dos Industriais do Arroz»—75 quilos! Bem haja! quem dera que todos os «Grémios»

nos compreendessem assim a nós e aos ardinhas!... Farinha. Bacalhau. Banha, Chouriço, Cebolas, Azeite Vinagre. Alhos. Ovos. O'leo. temos pouco tempo, a «Colónia» é já em Agôsto, não esqueças!...

E' pedir muito bem sei, mas que queres se os ardinhas precisam tanto!...

E... nós esperamos tudo!... E' que eles merecem todo o teu esforço e sacrificio, podes ter a certeza...

Assim para o João Pereira e o António Marques poderem ir ao Pôrto sem prejuizo das famílias, o Adelino Marques propôs-se para os substituir na venda dos jornais, prontificando-se a trabalhar de graça, entregando o ganho aos pais do António Marques, que não o deixar ir...

E ante a insistência de lhe darem uma percentagem, o Adelino exclamou muito aflito:

«Não é preciso! E' que não é para ganhar que eu vou...»

E' que, na verdade, eles já são amigos uns dos outros, sabem ser verdadeiros camaradas, leais companheiros... E da amizade deles pela «Casa do Ardina» nem te falo...

Basta dizer-te que andam raladíssimos, com as dificuldades e lutas que nos vêm ter, e preocupam-se a valer com as despesas da «Colónias de Férias», procurando ajudar-nos na medida do possível.

Há dias um grupo deles, enviou-nos as suas economias... 20\$00! «Para ajuda da Colónia!...

E para a merecerem andam numa grande azáfama...

Procuram ter juízo e vender 20 «Gaiatos» de cada número...

Por isso, leitor amigo, não te espantes da insistência com que eles te põem o «Gaiato» nas mãos...

Somos nós que to queremos pôr no coração...

E esperamos a resposta, na «Casa do Ardina»—Calçada da Glória, 39.

Maria Luísa

# OBRA DA RUA

## Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes

Conduzem o gado a pastos, nos nossos campos, campos deles, não sem haver tremenda questão à porta dos estábulos, enquanto enfiam as sogas nas pontas.

Gada um tem o seu boi e a sua vaca. *Eh pá, olha que esse boi é o meu!* E seguem todos em bicha, alegres, contentes, a falar ao seu boi e à sua vaca nomes carinhosos, eles, que até ali só tinham o palavrão!

O leite das nossas vacas, além de alimento completo, é escola. Trabalha-se para instalar na casa modesta indústria de laticínios; é tarefa de que todos gostam. Ocupa. Interessa. Aprendem. Comem à mesa o produto immediato dos seus trabalhos.

Princípios tão auspiciosos e de tamanho rendimento social, levam-nos necessariamente a considerar o fim da Obra. Não se tem descuidado este capítulo. Não queremos que as Casas do Gaiato sejam semelhantes às capelas da Batalha, que por incompletas,

lhes chamam imperfeitas; há-de haver a cúpula.

O Ministro das Colónias há-de ser respeitosamente rogado a interessar-se. Pode-se fazer da Obra um viveiro de colonos. Estes rapazes, não têm família. Não há laços de sangue que os prendam. Dá-se-lhes uma cartilha colonial. Faz-se vida de trópicos. Põe-se Angola à vista. Forma-se-lhes carácter; homens de palavra, capazes de responderem amanhã aos créditos agrícolas, concedidos pelo Ministro. Tudo isto pode passar das mãos do Ministro para a organização da Obra, com a mesma grandeza e simplicidade que tem sido até hoje realizada. E' o ovo de Colombo. Assim Ele o queira.

O problema do casamento, condição de êxito do futuro colono, é muito delicado e muito difficil, mas não é insolúvel.

Com o nosso sistema de casas-família e a posse da casa-mãe, podemos trazer em tempo oportuno, de outras casas de trabalho, a rapariga qualifi-

No próximo mês de Agosto fazem anos os gaiatos:

Torcato, de Vila Meã, 12 anos a 19.

José, da Nazaré, 13 anos a 20.

Chico, de Abrantes, 11 anos a 27.

Augusto, do Porto, 11 anos a 30.

Este último, é o pequenino do episódio do número passado, que nas alturas de Valongo descobriu o roubo nas mãos do companheiro, assaltou-o, tira-lho das algibeiras e regressou à Casa paterna. Foi o anjo da guarda, daquele mesmo que o escolhera para conivente!

Manda-lhe um presente especial, com duas palavras amigas. Ele já recebeu um prémio da sua acção, diante da comunidade, mas eu folgaria imensamente que viesse outro da tua mão; muitos outros das vossas mãos. Gostaria que o Mundo me ajudasse a levantá-lo muito alto, com palavras e oferendas, que seriam reforço apreciavel às minhas pobres palavras e mais ainda, pobres ofertas. E' o Augusto.

Também ele, assim como o pequenino gatuno, pode dizer com verdade, e diz efectivamente, que jámais conheceu o Pai e que a Mãe anda por lá... Esta declaração espontânea e verdadeira dos noventa por cento que a gente abriga — a minha Mãe anda por lá — é a maior atenuante de todos os males que eles cometem e a maior culpa de quem deixa cometer!

Os festejados de Julho, tiveram peúgas de uma Casa do Pôrto, que todos os meses faz o mesmo e também ótimos cintos, de uma outra casa-amiga. O Júlio, mais prevenido, foi colocar o dele na gaveta do meu quarto particular...

cada. A nossa organização supõe, e de facto tem, pessoal feminino. A mulher é indispensável.

Na casa de Miranda temos uma; a única, pessoa adulta, responsável por uma comunidade de trinta e cinco garotos das ruas.

Faltando-nos o apoio que se espera, temos o clássico recurso do emprêgo; casa nossa nas cidades, onde os rapazes habitam em família, ocupados no comércio e na industria, até que organizem o seu próprio lar. Não é isto o que se pretende, mas será o que temos de adoptar, na falta de melhor.

Seja como fôr, os habitantes das nossas casas, são filhos.

Não estão sujeitos à lei que os manda embora, nem limitados pelo tempo; o amor não tem limites! O problema de os colocar na vida é justamente a dor máxima das nossas entranhas.

A coroa da Obra, está tóda neste ponto final.

A continuação faz a perfeição. A Obra é de crescer e de continuar. Mesmo que do seio dela venha a sair um filho indesejavel, — quantos, de boas famílias, não têm saído assim! O homem é um mistério.

Continua.

(Folhetim de «O GAIATO», número 7)

REDACÇÃO

Casa de

P A C C

MA

PI

.....

PI

.....